

Fecha de recepción: Noviembre 6, 2023

Fecha de aceptación: Octubre 31, 2024

# A INTERAÇÃO DAS MULHERES TENTEHAR COM AS PLANTAS, NA ALDEIA MORRO BRANCO, GRAJAÚ – MARANHÃO, BRASIL

Telma Pereira Carvalho Sirqueira<sup>1</sup>, Marcia Francineli Da Cunha Bezerra<sup>2</sup>,  
Luiza Nakayama<sup>3</sup>, Neusani Oliveira Ives-Félix<sup>4\*</sup>

<sup>1</sup>Secretaria Municipal de Educação de Grajaú-MA. Rua Frei Benjamim de Borno, 05, Centro, CEP: 65940-000, Grajaú, Maranhão, Brasil.

<sup>2</sup>Universidade Federal do Pará (UFPA), Centro de Estudos da Biodiversidade (CEABIO), Parque Tecnológico do Guamá/PCT/UFPA - R. da Ciência, S/N, CEP: 66075-110, Belém - PA, Brasil.

<sup>3</sup>Universidade Federal do Pará (UFPA), Centro de Estudos da Biodiversidade (CEABIO), Parque Tecnológico do Guamá/PCT/UFPA - R. da Ciência, S/N, CEP: 66075-110, Belém - PA, Brasil.

<sup>4</sup>Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Centro de Ciências de Grajaú (CCGR). Avenida Aurila Maria dos Santos Barros Sousa, nº 2010, Loteamento Frei Alberto Beretta, CEP: 65940-000, Grajaú, Maranhão, Brasil.

\*Correio: [neusanives2@gmail.com](mailto:neusanives2@gmail.com), neusani.ives@ufma.br

## RESUMO

Com o objetivo de conhecer as plantas cultivadas pelas mulheres Tentehar da aldeia Morro Branco, Grajaú-MA, realizamos uma abordagem qualitativa, com observações *in loco* e entrevistas semiestruturadas com oito mulheres. Das 27 plantas citadas, enfatizamos uma beberagem contendo várias plantas, na profilaxia e no tratamento da Covid-19. Destacamos que as mulheres criaram protocolos próprios, a partir de saberes, dizeres e fazeres locais, para enfrentar a doença, mas, acreditamos que a medida mais importante foi a criação de uma barreira sanitária, a qual impediu a entrada de não-moradores na aldeia. A interação dessas mulheres com as plantas ultrapassa o manejo, pois demonstram conhecimentos ancestrais sobre as plantas e seus diferentes usos e costumes. Observamos uma relação de intimidade e de respeito entre nossas interlocutoras e as plantas cultivadas em seus quintais, revelando um conjunto de conhecimentos, de crenças e de vivências, que se baseia na interação cotidiana com os seus cultivares, o qual poderia contribuir para uma educação ambiental, abalizada no estabelecimento de estratégias de conservação dos recursos naturais da aldeia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Etnobotânica, Indígenas, Nordeste do Brasil. Tentehar.

## THE INTERACTION OF WOMEN TENTEHAR WITH PLANTS, IN THE VILLAGE MORRO BRANCO, GRAJAÚ – MARANHÃO, BRAZIL

## ABSTRACT

With the aim of getting to know the plants cultivated by the Tentehar women from the Morro Branco village, Grajaú-MA, we carried out a qualitative approach, with on-site observations and semi-structured interviews with

eight women. Of the 27 plants mentioned, we emphasize a drink containing several plants, in the prophylaxis and in the treatment of Covid-19. We highlight that women created their own protocols, based on local knowledge, sayings and actions, to face the disease, but, we believe that the most important measure was the creation of a sanitary barrier, which prevented non-residents from entering the village. The interaction of these women with plants goes beyond management, as they demonstrate ancestral knowledge about plants and their different uses and customs. We observed a relationship of intimacy and respect between the interlocutors and the plants grown in their backyards, revealing a set of knowledge, beliefs and experiences, which is based on daily interaction with its cultivars, that could contribute to environmental education, supported by the establishment of conservation strategies for the village's natural resources.

**KEYWORDS:** ethnobotany, indigenous people, Northeast Brazil, Tentehar.

---

## INTRODUÇÃO.

No presente artigo, discutimos a relação da etnobotânica, que pode ser definida como os estudos dos conhecimentos empíricos de uma comunidade e sua relação com as plantas e seus diferentes usos - com o modo de vida de mulheres Tentehar na aldeia Morro Branco, Grajaú – MA Figura 1. Contexto ecológico da pesquisa. a) entrada principal da aldeia Morro Branco. b) mangueira na avenida da T.I Morro Branco. Foto: Telma Pereira Carvalho Sirqueira.

A relação das plantas com a vida dos povos indígenas está intimamente ligada, e os seus conhecimentos e usos são passados de geração para geração, fortalecendo os saberes oriundos dos seus ancestrais (Rocha e Marisco, 2016).

De acordo com Rocha (2015, p. 68) a importância da etnobotânica estar na sua capacidade de “aproximar o conhecimento científico do saber tradicional, com vistas a mitigar danos, criar alternativas produtivas, direcionar soluções para o bem coletivo”. Já Patzlaff e Peixoto (2009) acreditam que a etnobotânica possibilita ao pesquisador conhecer a cultura e o cotidiano da comunidade estudada, os conceitos locais de doença e de saúde, o modo como se relaciona com a natureza para realizar a ‘cura’ de seus males, atrair ou afastar animais, dentre outros. A correlação entre os conhecimentos científicos com os saberes tradicionais pode contribuir para um olhar diferenciado, no que diz respeito ao

modo de vida e aos saberes locais da aldeia Tentehar de Morro Branco.

Nessa interação, conhecimentos científicos e saberes tradicionais, problematizamos o conceito de natureza como estando relacionado às concepções formadas, por cada cultura e por cada povo, atreladas às suas diferenças e às suas especificidades (Melo 2007). Considerando que o mundo seja composto a partir de elementos que não “comporiam domínios separados e hierarquizados ou mesmo em sentidos opostos entre natureza e cultura” (Sena *et al.* 2014, p. 212).

Nesta perspectiva, Descola (1997), a partir de seus estudos entre os Achuar da Amazônia equatoriana, destaca que as plantas e os animais são submetidos as mesmas regras humanas. Natureza e cultura não teria uma dualidade, acrescentando que além dos conhecimentos técnicos, botânicos, agrônômicos ou etológicos empregados pelos indígenas em suas atividades de subsistência “era o conjunto de suas crenças religiosas e de sua mitologia que devia ser considerado uma espécie de saber ecológico transposto” (Descola 1997, p. 245). Para o autor os indígenas da Amazônia têm um extraordinário conhecimento das inter-relações complexas entre organismos e seu meio ambiente e aplicam estes saberes em suas estratégias de subsistência.

Sobre o povo Tentehar e sua interação com a natureza, Sá e Silva (2017, p. 93) destacam que o seu saber oral



**Figura 1.** Contexto ecológico e cultural da pesquisa. a) entrada principal da aldeia Morro Branco. b) mangueira na avenida da T.I Morro Branco. Foto: Telma Pereira Carvalho Sirqueira

“acontece numa relação de proximidade com os seres da natureza e num constante diálogo com o sobrenatural”, concluindo que “de maneira suave e simples as plantas contribuem para o fortalecimento da cultura indígena”. Assim, já não podemos viver a falsa dualidade homem *versus* natureza, como bem salienta Krenak (2020, p. 28): “Nós somos terra. A gente volta para a terra, volta para os rios, volta para as florestas. É por isso que quando você abraça uma árvore, você pode estar abraçando um irmão”.

Em 2021, assessoramos, a primeira e a última autora desse artigo trabalharam como coordenadora pedagógica de escolas públicas de Grajaú - MA, e, conhecendo a realidade de escolas em Terras Indígenas do Maranhão, especificamente desse município, assessoraram na elaboração do PPP, do Centro de Ensino Indígena Djalma Marizê Filho, em 2021, aldeia Morro Branco. No item 4.6 desse documento “A Escola que queremos”, é enfatizado que: “nossas tradições [...] bem como, as pinturas corporais, os saberes dos anciãos da comunidade, o sistema de cura e outros saberes locais específicos do nosso povo possam ser inseridos no currículo escolar” (PPP, 2021, p. 13). No Plano de Ação (item 6.1, p. 16 a 20), são discriminadas as ações técnicas e pedagógicas, com os respectivos objetivos específicos, ação, metodologia, período e os responsáveis pela ação. Destacamos os itens 3. “Fortalecer os conhecimentos tradicionais e local da comunidade Morro Branco; 4. Repassar para a comunidade escolar as técnicas de pinturas corporais Tentehar; 5. Socializar a comunidade escolar as técnicas dos artesanatos Tentehar; 6. Revitalizar as matas da comunidade; 8. Compartilhar com a comunidade local e escolar os conhecimentos de prevenção às doenças; 18. Fortalecer a consciência ambiental do alunado. Nesse documento é observado a preocupação da comunidade escolar em realizar um intercruzamento entre conhecimentos científicos e saberes tradicionais, estes últimos se relacionam às técnicas de pinturas corporais, à revitalização das matas, à prevenção de doenças e ao meio ambiente, contexto em que o conhecimento local sobre as plantas transversaliza rituais e sistemas de cura.

Diante do exposto, buscamos responder neste estudo: Qual a relação da etnobotânica com o modo de vida de mulheres indígenas Tentehar da aldeia Morro Branco, município de Grajaú - MA?

E dessa forma conhecer as plantas cultivadas por essas mulheres; os saberes e os tipos de uso desses cultivares na vida sociocultural desse grupo étnico; e, relacionar a etnobotânica com o sistema de cura, com os rituais e com as crenças entre os indígenas Tentehar da aldeia Morro Branco.

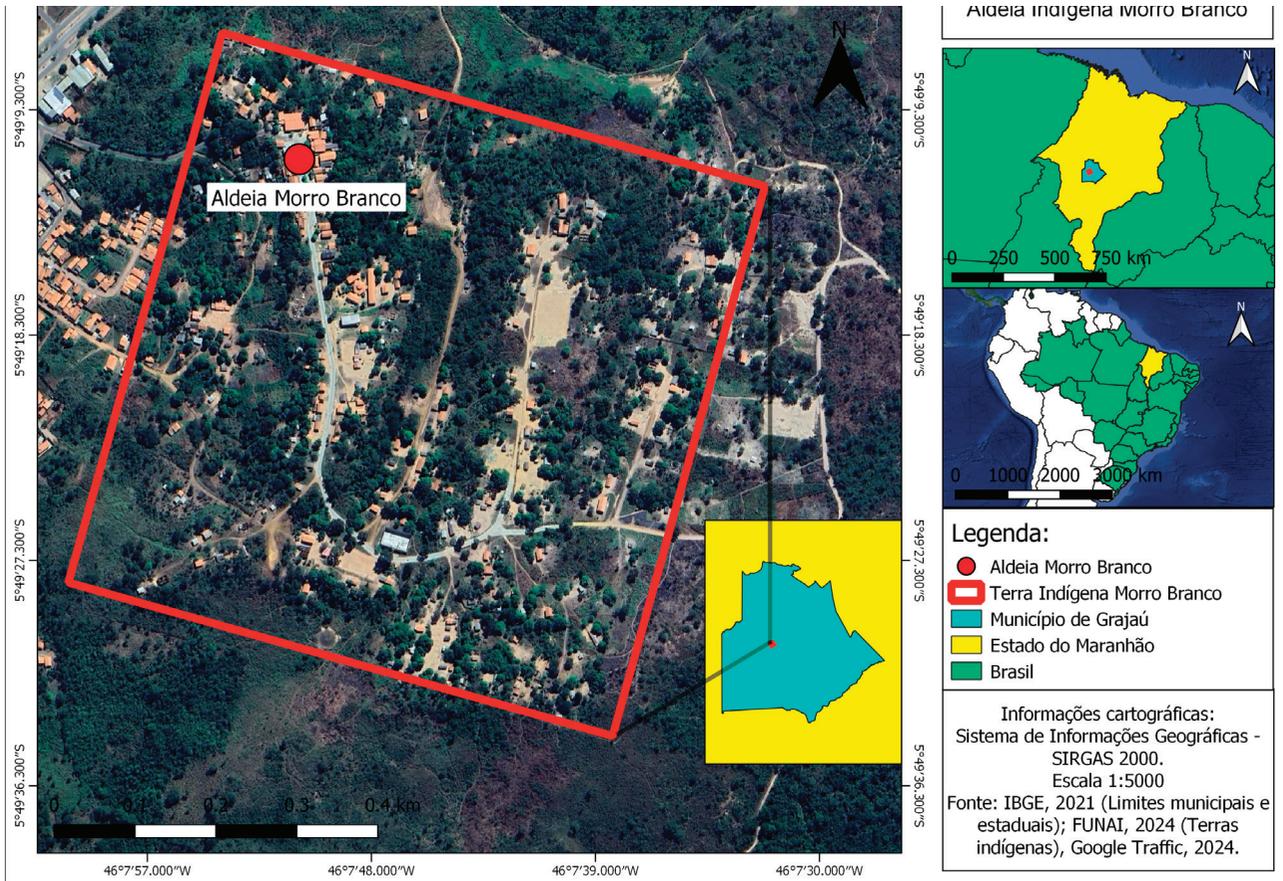
## **MATERIAL E MÉTODOS.**

O estudo foi realizado na aldeia Morro Branco, situada na Terra Indígena (T.I) Morro Branco, município Grajaú, Estado do Maranhão, Brasil. Figura 2. Local da pesquisa, aldeia indígena Morro Branco. Elaboração de Amanda Moreira, sob a supervisão de Neusani Ives-Felix. Fonte: Dados da pesquisa de campo e bases cartográficas 2024.

O município de Grajaú-MA dista cerca de 563 km da capital São Luís e possui expressividade em relação às Terras Indígenas, dentre elas estão, Araribóia, Cana Brava, Morro Branco, Bacurizinho e Urucu-Juruá (ISA 2014).

De acordo com Ives-Felix et al. (2019), o estado do Maranhão tem a presença de oito povos, classificados nos troncos linguísticos: Tupi e Macro jê. No primeiro grupo linguístico estão os Tentehar (Guajajara), os Awá (Guajá) e os Kaapor (Urubu). E, no segundo, os Krikati, os Pukobyê (Gavião), os Ramkokamekrá, os Apãnyekrá (Canela) e os Krepu'mkateyê.

Os indígenas Tentehar são falantes do tronco linguístico Tupi Guarani e da Língua Portuguesa. Configuram-se como “uma das maiores nações indígenas do Brasil e do Maranhão, onde são conhecidos pelo nome de Guajajara [...] na relação direta com a floresta, os Tentehar constroem uma ampla rede de saberes e práticas culturais, muitos deles são tomados como referências para explicar fatos do dia a dia, como o



**Figura 2.** Local da pesquisa, aldeia indígena Morro Branco. Elaboração de Amanda Moreira, engenheira ambiental, sob a supervisão de Neusani Ives-Felix. Fonte: Dados da pesquisa de campo e bases cartográficas 2024.

nascimento, a passagem da fase de criança à adulta, ou ainda o sofrimento, a doença e a morte” (Sá e Silva 2017, p. 93). A vida social, econômica e política dos Tentehar se estrutura a partir da família extensa, baseada no controle de um homem sobre um número de filhos, genros e netos, e tem na natureza a base de sua vida material e religiosa (Zannoni 1999).

O etnônimo Tentehar é composto pelo: verbo /ten/ ('ser') mais o qualificativo /ete/ ('intenso', 'verdadeiro') e o substantivizador /har (a)/ ('aquele o'). Significa “o ser íntegro, gente verdadeira” (Gomes, 2002, p. 47).

Mulheres Tentehar da aldeia Morro Branco são as interlocutoras da pesquisa. Na narrativa a seguir, uma entrevistada descreve como é ser uma mulher Tentehar.

*“Nós, mulheres Tentehar da T.I Morro Branco, temos como missão cuidar. Desde muito cedo, aprendemos*

*com nossos pais que devemos cuidar das plantas, de nossa família. Assim, quando construímos nossa família, vamos cuidar do nosso marido, dos filhos e do nosso lar. Somos artesãs. No dia a dia, retiramos da natureza elementos para produzirmos nossos artesanatos que fortalecem nossa cultura. É dos fios de algodão que produzimos redes, tipoias e bolsas. Do buriti utilizamos as palhas e fios e produzimos bolsas, cestos e esteiras. Das sementes do mulungu produzimos colares, brincos, pulseiras. Das tabocas e taboquinhas produzimos bolsa e saias. É da natureza que retiramos o jenipapo, tiramos sua tinta e fazemos pinturas corporais que representam nossa cultura” (M1).*

As mulheres Tentehar da aldeia Morro Branco são exímias artesãs, com fios de algodão tecem redes, panos, mocós, tipoias, cocar e saias. Figura 3. Mulher Tentehar da aldeia Morro Branco tecendo rede de fios de algodão. Foto: Regina Bento Guajajara.



**Figura 3.** Mulher Tentehar da aldeia Morro Branco tecendo rede de fios de algodão. Foto: Regina Bento Guajajara

Com sementes de vegetais variados, penas de aves e miçangas produzem belos brincos, colares, pulseiras, braceletes, prendedores de cabelo, dentre outros, Figura 4. Artesanato indígena de miçangas e de recursos naturais(2023). Foto: Reprodução da rede social Instagram t.i.morrobranco.

Além do ofício de artesã, ocupam cargos públicos como de técnica de enfermagem, professora, agentes de saúde, dentre outros. E desenvolvem as atividades de costurar, cozinhar, lavar roupa, cuidar da casa, das crianças e do marido. São elas que preparam a tinta do jenipapo e fazem pinturas corporais. Exercem um importante papel na cantoria tradicional, pois cantam e compõem as músicas entoadas nos rituais e nas festas culturais tradicionais. E, algumas delas, ainda exercem a pajelança, afirmando que o pajé é muito importante para todos, porque, por exemplo, ele é capaz de curar as pessoas que estão com doenças, que a ciência do branco não pode curar.

A pesquisa foi conduzida a partir de uma abordagem qualitativa de estudo, embasada em Minayo (2001). Quanto aos instrumentos de coleta de dados, utilizamos a observação *in loco* e entrevistas semiestruturadas. A respeito da entrevista semiestruturada, Boni e Quaresma (2005) enfatizam que são usadas em casos que o pesquisador anseia conseguir um número superior de informação sobre o objeto de estudo e maior detalhamento do assunto abordado pelo entrevistado.

Realizamos observações, *in loco*, em cinco quintais da aldeia Morro Branco, fizemos anotações no diário de campo e gravamos as entrevistas em aparelho celular, posteriormente foram transcritas. As interlocutoras da pesquisa foram oito mulheres Tentehar selecionadas aleatoriamente, as quais foram denominadas de M1, M2, M3, M4, M5, M6, M7 e M8. O termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) foi aplicado para que as entrevistadas pudessem autorizar a pesquisa e o uso de suas narrativas.



Figura 4. Artesanato indígena de miçangas e de recursos naturais. Foto: Reprodução da rede social Instagram t.i.morrobranco (2023).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO.

**Interações de mulheres com plantas de quintal.** Entre as mulheres Tentehar da aldeia Morro Branco, quintal significa uma propriedade, uma porção de terra cercada a qual fica próximo à residência, que serve para plantar árvores frutíferas (pés de mangas, de goiabas, de laranjas, dentre outras), árvores de portes maiores, as nativas e plantas medicinais. E, serve também, para cultivar hortas, plantar cheiro verde e para criação de aves,

como a galinha, considerando que a partir do manejo de cultivares e de animais no quintal é possibilitado maior qualidade de vida para a comunidade.

Brito e Coelho (2000) definem o quintal como a porção de terra que circunda a casa, sendo também, um espaço social e de lazer próximo à residência, e, pode ser compreendido como uma unidade de produção em pequena escala e de fácil acesso, englobando uma diversidade de cultivares–plantas medicinais e

alimentícias-, quanto a criação de animais em áreas relativamente confinadas que, conseqüentemente, fornecem a família parte das fontes nutricionais.

Oakley (2004) salienta que os quintais domésticos são considerados como uma espécie de reservatório de biodiversidade, uma vez que esses possuem uma grande variedade de plantas cultivadas, atuando como um laboratório de experiências. E, acrescenta que em muitas culturas, a manutenção desse sistema de cultivo é realizada por mulheres, sendo elas as responsáveis pela preservação de inúmeros cultivares que passam a compor um ecossistema. Fazer diário que tem como resultante o acesso a uma rica variedade de alimentos saudáveis e adequados à culinária tradicional e local da família.

Sobre quem semeia os quintais, as interlocutoras afirmaram que são plantados por elas, pois desde cedo aprenderam com os mais velhos a importância de cultivar em seus quintais plantas medicinais e alimentícias, pés de fruta e de remédio. O manejo dos cultivares é realizado de forma manual e por todos os membros da família, em especial a mulher.

A respeito da origem das plantas cultivadas nos quintais pesquisados uma interlocutora afirma que: *“as plantas cultivadas em nossa aldeia foram trazidas de outras aldeias, de povoados vizinhos e da cidade também, pois temos uma boa convivência com os não-indígenas, o que facilita ter essa troca com eles. As primeiras mudas de plantas foram plantadas pela minha avó, depois minha mãe continuou plantando, meu pai também e assim foi aumentando as plantas nos quintais de nossa comunidade”* (M5).

A narrativa da M5 confirma a percepção de Rocha e Marisco (2016) de que a interação dos indígenas com os não-indígenas enriquece os conhecimentos sobre a etnobotânica, visto que agrega outros saberes aos já existentes. Compreende-se que os vínculos estabelecidos entre culturas diferenciadas contribuem para o fortalecimento da humanidade, assim como para o compartilhamento de saberes, importante para

a manutenção e ampliação da diversidade de espécies de cultivares.

Nessa interação de mulheres e os seus cultivares, a reciprocidade é um dos elementos presentes, como destacada na narrativa de M4: *“A minha relação com as plantas se dá de maneira harmoniosa, eu digo que é uma troca, onde, nós mulheres, plantamos, cuidamos e depois recebemos em troca alimentos, cura através dos remédios que fazemos das plantas e a continuação de nossos rituais, pois é através dos frutos, cipós e outras coisas da natureza, que nossos rituais também continuam vivos. Então, tudo isso, não é uma troca? E, tudo isso, nós conseguimos através das plantas cultivadas em nossa aldeia”*.

A narrativa de M4 abarca saberes e práticas ecológicas relacionadas à alimentação, ao tratamento de enfermidades e a continuidade de rituais culturais do seu grupo. Assim, é necessário a construção de novos paradigmas de valorização da natureza, buscando preservá-la, para manter equilíbrio entre a terra e a humanidade.

A história das plantas cultivadas por mulheres Tentehar é contada a partir de um olhar saudosista:

*“As histórias das plantas de nossos quintais são carregadas de muito significado para nós, porque cada uma tem sua importância, seu valor. A maioria das plantas que existem aqui, na aldeia, foi plantada por minha mãe e isso traz ainda maior o significado para nós, porque ela não está mais aqui, com a gente. Então, se eu já cuidava das plantas, agora é que eu cuido mesmo! Todas as vezes que olho para as plantas do nosso quintal, ou quando tiro uma fruta ou outra coisa, meu coração se enche de saudade da minha mãe. Então a história das plantas cultivadas, aqui, tem muito amor”* (M1).

Percebemos, na fala da M1, uma sinergia não apenas com as plantas, mas com seus ancestrais, pois a presença de sua mãe falecida renasce no manejar de seus cultivares. Aqui a etnobotânica ganha relevância na preservação do

conhecimento autóctone, pois na interação plantas de quintais e mulheres Tentehar aparece um sentimento de afetividade ancestral, demonstrada na memória buscada de seus entes queridos já falecidos e na lembrança do primeiro contato que tiveram com as plantas e seus frutos, através de seus pais, destacada na narrativa a seguir:

*“As plantas têm muitos significados para nós. Aprendemos a gostar e a cuidar das plantas com nossos pais, antes de todo mundo dizer que frutas, verduras faziam bem para saúde: meu pai e minha mãe já se preocupavam em nos dar esses alimentos. Ainda quando éramos crianças, eu e meus irmãos. Logo que a gente acordava, em vez de tomar café, minha mãe nos dava mamão, goiaba e outras frutas, para a gente comer”* (M1).

O sentimento de maternidade também é trazido na interação com as plantas como é descrito a seguir: *“Vejo as plantas como uma mãe que cuida de seus filhos, porém, precisa de ser cuidada também! Porque ela mata a nossa fome, sara as nossas doenças, ajuda a vivermos em um lugar bom, com as suas sombras dos pés de frutas e outras árvores, que nos deixam alegres”* (M8).

A forma como as interlocutoras se engaja com as plantas guarda semelhanças com a maneira que as mulheres Achuar se relacionam com os seus cultivares, pois ambas as tratam em uma perspectiva de parentesco, como destaca Descola (1997) o qual observou que as mulheres desse grupo étnico consideravam as plantas como crianças, destacando que esta relação maternal se inspira explicitamente na tutela exercida por Nunkui (o espírito dos jardins) sobre as plantas.

Ao perceber as plantas cultivadas em uma relação de reciprocidade e de parentesco, ora como mãe que cuida de seus filhos, ora como crianças a serem conduzidas à maturidade, tanto as mulheres Tentehar como as Achuar nos revelam um mundo onde a divisão homem e natureza não existe, sugerindo a desconstrução desse olhar dual natureza-cultura.

**As plantas e suas formas de uso.** A partir das narrativas orais das oito interlocutoras criamos a Tabela 1, a qual resume os diferentes usos dos cultivares manejados, 27 tipos de plantas de quintais que foram citadas.

**As plantas e seus usos no tratamento da saúde.** Sabe-se que, historicamente, desde os tempos passados até a atualidade são vários os medicamentos retirados a partir da biodiversidade das espécies da fauna e da flora. Villas Bôas (2013) descreve que os medicamentos da biodiversidade abrangem, em particular, os medicamentos derivados de plantas fanerógamas, com fundamental relação entre genes, espécies e ecossistemas. Assim, quando arguimos as interlocutoras a respeito das plantas e seus modos de usos no tratamento de doenças percebemos uma diversidade de formas de usos, por exemplo, o da planta conhecida como boa noite, Figura 5. Planta Boa Noite. Foto: Telma Pereira Carvalho Sirqueira (2024). *“Ah! Essa planta é um santo remédio para nós, que somos mulheres, ela amarga, tem um cheiro forte e esquisito, mas é muito bom pra mulheres que sentem dor no pé da barriga com frequência, serve para pessoa que tem corrimento”* (M2). *“Pode arrancar o pé com tudo: raiz, folhas e flores e fazer o chá, é muito bom. Eu estou dizendo isso, porque isso aí, já me curou”* (M4). *“Também é muito bom para a mulher que tem dificuldade de pegar bebê, que não segura no útero. Essa daí vai limpar o útero da pessoa, tomando direitinho engravida rapidinho”* (M6).

A respeito do pé de cojuba, Figura 6. Pé de cojuba. Foto: Neusani Ives-Felix, (2021). *“Usamos a cojuba para fazer vasilhas (cuia), também fazemos maracá e colher grande para mexer a farinha quando está sendo feita no forno”* (M3). *“As meninas não podem passar por debaixo do pé de cojuba, porque se não quando casar e se engravidar não segura o bebê, toda vez que engravidar aborta”* (M8). *“Mulher grávida também não pode passar por debaixo do pé de cojuba se não aborta”* (M2).

As substâncias das plantas são farmacologicamente ativas (princípios ativos) e estão relacionadas ao seu metabolismo, que por sua vez é influenciado pelo

**Tabela 1.** Tipos de plantas e suas formas de uso na aldeia Morro Branco - Grajaú-MA.

PLANTA	ALIMENTÍCIO	MEDICINAL	RITUAIS/UTENSÍLIOS/ ADORNOS
Alfavaca <i>Ocimum gratissimum</i> L.	Usa-se como tempero ou faz chá.	Fortalece o sistema imunológico e nervoso	O fumo, junto com folhas de alfavaca e outras plantas serve para tirar espíritos.
Algodão <i>Gossypium</i> sp.			Cobre os seios da menina moça no dia da sua festa, após a tocaia. Na festa do rapaz serve como parte dos adereços. Produção de redes, tipoias e bolsas.
Alho <i>Allium sativum</i> L.	Utilizado como tempero alimentício.	Anti-inflamatório. Durante a pandemia do coronavírus foi muito utilizado triturado e misturado a outros ingredientes.	
Amescla <i>Protium heptaphyllum</i> (Aubl.) Marchand		A resina é anti-inflamatória, possuindo ação expectorante e broncodilatadora. O defumador composto pela resina da planta com a cera do pau de cera, serve para ser exalado, para proteger o corpo e o ambiente da Covid-19.	
Angico <i>Anadenanthera colubrina</i> (Vell.)		Colocar a casca de molho em uma vasilha ou fazer o chá para diarreia e câimbra de sangue. Serve para fazer asseio íntimo e fez parte da mistura, com outras plantas, durante a Covid-19.	
Aroeira <i>Schinus</i> sp. Boa noite <i>Cathartus roseus</i> L.		Chá (folha e raiz) são anti-inflamatório: para tosse, para fazer asseio íntimo. Na forma de chá de toda a planta: "Serve para os problemas da mulher" para: corrimento e aquela que tem dificuldade de engravidar ou manter a gestação.	
Boldo <i>Plectranthus barbatus</i> Andrews		Tratamento de problemas no fígado e para prisão de ventre. Durante a pandemia do coronavírus foi muito utilizado a folha misturada a outros ingredientes.	
Buriti ou miriti <i>Mauritia flexuosa</i> L.	Do fruto são feitos suco e doces.	Seu óleo é anti-inflamatório.	Da palha e fios são confeccionados assessórios (brincos, colar, pulseiras), artesanatos: cestos. Bolsas e esteiras. Dos talos tecem os punhos de redes. Plantado perto da nascente para mantê-la viva.
Caju <i>Anacardium occidentale</i> L. Cojuba <i>Crescentia cujete</i> L.	Come-se <i>in natura</i> , também na forma de suco e de doces. Come-se a castanha assada e na forma de paçoca.	Casca do pé do caju: doença do estômago, faz o chá.	O cajueiro tem um dono espiritual, por isso a criança não pode apanhar fruto verde ou em momento impróprio (muito cedo ou muito tarde). Do fruto são produzidos vasilhames e colheres, além de instrumento musical (maracá). Pessoas do sexo feminino não podem passar por debaixo do pé porque se ficarem grávidas podem abortar.
Fumo <i>Nicotiana tabacum</i> L.		Acaba com os carrapatos em cachorro.	Para fumar e retirar os espíritos.
Goiaba <i>Psidium</i> sp.	Come-se a fruta <i>in natura</i> , também na forma de suco e de doces.	Chá da casca da goiabeira para mulher tomar, quando está menstruando muito. Chá da folha, para diminuir a diarreia. Chá da casca e folhas para infecções urinárias e para leucemia.	
Jatobá <i>Hymenaea courbaril</i> L. Jenipapo <i>Genipa americana</i> L.	Do fruto maduro, tira-se as sementes e come a polpa.	O fruto maduro serve para o tratamento de anemia.	O fruto é usado para a pintura do corpo. As pinturas mostram símbolos e seus significados. As pinturas afastam os maus espíritos da menina moça, assim protegendo de doenças e outras coisas ruins. No rapaz demarcam a passagem, o animal que será representado e homenageado.
Jussara <i>Euterpe edulis</i> Mart.		Para inflamação do intestino, equilibra a microbiota.	Plantado perto da nascente para mantê-la viva.

Tabela 1. Cont.

PLANTA	ALIMENTÍCIO	MEDICINAL	RITUAIS/UTENSÍLIOS/ ADORNOS
Limão <i>Citrus sp.</i>	Come-se a fruta <i>in natura</i> .	O suco da fruta é anti-inflamatório, previne anemia. Durante a pandemia do coronavírus foi muito utilizado o suco misturado a outros ingredientes.	O fumo, junto com as folhas de limão e outras plantas serve para tirar os espíritos.
Macaxeira <i>Manihot utilissima</i> Pohl	Come-se a raiz cozida ou frita, ou na forma de farinha (mais consumida na forma azeda). Da tapioca é feito beiju grande, com coco babaçu.		As folhas são usadas para limpeza, quando a menina moça sai da tocaia.
Manjericão <i>Ocimum basilicum</i> L.	Usa-se como tempero.	A folha tem propriedades anti-inflamatórias. Banho da sua folha associado ao pinhão roxo para Covid-19.	O fumo, junto com as folhas de manjericão e outras plantas serve para tirar espíritos.
Manga <i>Mangifera indica</i> L.	Come-se a fruta, faz suco e doce.	As lapas (raspas do caule) do pé de manga serve para evitar a cirrose, quando está no início das lesões hepáticas (põe as lapas de molho na água e fica tomando durante o dia). Leite retirado do tronco serve para emendar os ossos. Folha da manga serve para diminuir o açúcar no sangue.	
Mamão <i>Carica papaya</i> L. Mastruz <i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Come-se <i>in natura</i> .	Facilita a digestão.  A folha é triturada é utilizada como anti-inflamatória no trato respiratório. Foi utilizada, misturada com outras plantas, durante a Covid-19.	
Mulungú <i>Erythrina sp.</i> Pau-de-cera <i>Tocoyena formosa</i> (Cham. & Schtdl.) K. Schum.		A folha tem propriedades anti-inflamatórias.  O defumador da cera do pau de cera, juntamente com a amescla, serve para ser exalado, para proteger o corpo e o ambiente da Covid-19.	Artesanato com as sementes se faz colares, brincos e pulseiras.
Pião roxo <i>Jatropha gossypifolia</i> L.		O chá das folhas tem ação antisséptica e cicatrizante, servindo para lavar feridas abertas e foi utilizado, juntamente com as folhas de manjericão para tratamento da Covid-19.	
Taboca/ taboquinha <i>Guadua sp.</i> Urucum <i>Bixa orellana</i> L.	Triturar a semente, produzindo o corante (condimento alimentar).	Tem propriedades anti-inflamatórias.	Artesanato (colares, brincos e pulseiras).  Semente para artesanato e para pintura corporal e para proteger a pele, no ritual da menina moça. No ritual da festa do rapaz, serve para demarcar a transição de rapaz para adulto.

**Fonte:** Dados da pesquisa de campo coletados pela primeira autora do artigo. Destacamos que ela realizou registros fotográficos de algumas plantas (folha, flores, frutos e caule), dentre elas algodão (*Gossypium sp.*); aroeira (*Schinus sp.*), goiaba (*Psidium sp.*), limão (*Citrus sp.*) e mulungú (*Erythrina sp.*) e taboca (*Guadua sp.*), para facilitar posterior confirmação em nível específico.



**Figura 5.** Planta Boa Noite. Foto: Telma Pereira Carvalho Sirqueira

microclima onde as plantas vivem, fatores nutricionais, dentre outros fatores, de acordo com Villas Bôas (2013). A aroeira, o jatobá e o urucum, são exemplos de plantas citadas pelas interlocutoras, também usadas no tratamento da saúde. Portanto, é necessário maior respeito e confiança para com os saberes ancestrais e tradicionais indígenas, sobre o uso terapêutico de plantas, muitas vezes ameaçado devido a processos de urbanização e supervalorização da medicina ocidental. Na prática, significa não impor aos Tentehar somente a “medicina não indígena”, principalmente quando se trata de procedimentos técnicos de saúde; afinal, muitos dos conhecimentos sobre as plantas e os seus benefícios para a cura, utilizados na medicina ocidental, vieram de povos indígenas originários, tal como é enfatizado por Rocha e Marisco (2016) e confirmados nas narrativas das mulheres nesse estudo sobre as plantas e o seu poder de cura.

#### **Como as mulheres Tentehar lidaram com a Covid-19?**

Para alguns povos indígenas a pandemia do coronavírus é uma resposta da natureza ao ser humano: os espíritos zangados, devido à ação destruidora do homem contra a Terra. Nesse sentido, Krenak (2020, p. 22) salienta que a Terra é um organismo maravilhoso e sugere uma certa relação entre o coronavírus e seus sintomas como um aviso de que “a Terra está desligando milhões de nós agora para ver se a gente entende”. Corroborando com Krenak (2020) é necessária uma autorreflexão, no que diz respeito as ações do homem voltadas para Gaia (Terra), pois, atualmente, vivencia-se um mundo desenfreado onde a busca pela acumulação do capital, a ganância e o consumismo em larga escala têm contribuído para que o ser humano se transforme em um ser cada vez mais individualista e desgarrado da Terra, pensando apenas em seu bem-estar, sem levar em consideração o respeito a sua vida e a do outro.



**Figura 6.** Pé de cojuba. Foto: Neusani Ives-Felix (2021).

Machado (2020), indígena da etnia Guarani, ressalta que em tempos passados várias doenças avançavam rapidamente em direção às aldeias, dizimando em poucos dias comunidades inteiras. Naquela época, os Nhanderus (orientadores espirituais), doutores indígenas em conhecimento tradicional associado à biodiversidade, munidos de seus *mbaracas* (chocalho ritual), buscavam a cura por meio dos rituais que lhes permitiam manusear plantas, curando a enfermidade do momento. Porém, conclui que antigamente a natureza estava preservada e havia espaços para se esconder, diferente dos dias atuais.

Em relação ao aparecimento da Covid-19, Machado (2020) supõe que para muitos povos indígenas não foi novidade, considerando as suas cosmologias, a destruição da mãe natureza a qual causa um desequilíbrio, e os espíritos que nela habitam ficam zangados. Além

disso, afirma que o desmatamento e a agressão aos seres que habitavam aquele ambiente provoca doença e atribuí aos não indígenas as causas das grandes epidemias, enviadas pelo vento. Porém, considera que os orientadores espirituais, chamados de pajés ou xamãs, são os especialistas em (re) estabelecer o equilíbrio, mas são os mais ameaçados pelo novo coronavírus, em razão de serem os mais velhos e estar entre os mais vulneráveis da comunidade.

Nesse contexto, como as mulheres Tentehar da aldeia Morro Branco lidaram com a Covid-19? As interlocutoras sempre deixaram claro o respeito pela vida, e, em tempos de pandemia da Covid-19, criaram uma forma própria de tratamento, com usos de plantas, para lidar com os desafios da doença, incluindo infusões, banhos

e defumações, o que evitou que a pandemia fosse disseminada em larga escala dentro de sua aldeia.

Quando a pandemia da Covid-19 se apresentou na aldeia, as mulheres que no seu cotidiano usavam o tear para fiar redes, bolsas e outros objetos e sementes, cipós para produção de artesanatos direcionaram suas atividades para evitar que os parentes aldeados fossem contaminados. E, com uma diversidade de ingredientes, criaram um protocolo de tratamento contra a Covid-19, como afirma M1: *“durante a pandemia usamos muito o boldo misturado com mastruz, limão e alho para tratar o coronavírus, aqui quem deu corona se curou com essa beberagem”*.

Os ingredientes e o modo de preparo da beberagem, receita medicinal para o tratamento contra a Covid-19, é detalhado da seguinte forma: *“6 folhas de boldo, 2 galhos de mastruz, 2 limões, 2 cabeças de alho grande, 2 cascas de angico, 2 colheres [de sopa] de mel. Lava -se as folhas de boldo em seguida as rasgam em pedaços pequenos. Depois pega o mastruz e quebra, machuca, em pedaços menores, em seguida descasca os limões corta-os ao meio. Pega as duas cabeças de alho, descasca e amassa bem amassadinho. Põe todos os ingredientes em uma vasilha, com 2 copos americanos de água, junto com a casca de angico. Depois põe no fogo, logo que ferver põe duas colheres de mel. Tomar quando estiver morno”* (M1). INSERIR FIGURA 7. PÉ DO MASTRUZ, a) caule, galhos, folhas e botões; b)folhas de mastruz. Foto: Neusani Ives-Felix (2024).

Na narrativa de M1 é apresentado um protocolo próprio de tratamento contra a Covid-19, em que os componentes da fórmula têm propriedades anti-inflamatórias, expectorantes ou auxiliam no tratamento gastrointestinal, os quais poderiam aumentar a imunidade das pessoas.

As mulheres Tentehar com o seu conhecimento tradicional de espécies vegetais arranjaram formas de tratamento para esse mal tão letal nos tempos atuais, a Covid-19, como M1 continua descrevendo que: *“Quando ela chegou, o jeito foi correr para não ficar muita gente doente. Para isso fizemos um defumador utilizando*

*algumas plantas como: a resina retirada da amescla (yhik) e um tipo de cera (ywira’yty) retirada do pau de cera; esse defumador era exalado durante a noite nas portas das casas da comunidade, para proteger o corpo e para que o corona fosse embora. Nós também fizemos remédios com as plantas e logo as pessoas que adoeceram iam tomando os remédios e melhoravam. Os chás (infusões) eram feitos com as plantas boldo, mastruz, limão, casca de angico, também fazíamos banhos de manjerição e pião roxo”*.

A criação de uma barreira humana foi outra medida relevante tomada por homens e mulheres da aldeia no contexto pandêmico, conforme esclarecimento: *“Logo que o vírus chegou em Grajaú, nós, aqui da aldeia, ficamos muito preocupados porque temos muitos idosos, crianças e nós, também, adultos. Então o cacique, algumas pessoas da comunidade e lideranças indígenas acharam por bem fazer reuniões para saber o que fazer para que o corona não chegasse até a aldeia. Foi feito uma barreira humana (com revezamento de moradores) na entrada da comunidade. Essa barreira foi feita para diminuir a entrada de pessoas da cidade e para os parentes saírem só quando fosse o jeito, por isso, vários meses a aldeia ficou sem o corona, mas não teve jeito: o corona chegou!”* M1. (Esclarecimento nosso).

As medidas tomadas foram consideradas fundamentais, para que a aldeia não contabilizasse óbitos. Fica evidente quão importante foi a união e o esforço da comunidade Tentehar de Morro Branco no combate à pandemia, e a contribuição de plantas cultivadas em quintais, no que diz respeito ao seu “Bem Viver”. Nesse contexto Krenak (2020, p. 23) define “O Buen Vivir, o *Sumak* [...]. Nós somos corpos que estão dentro dessa biosfera do Planeta Terra. É maravilhoso, porque, ao mesmo tempo em que somos dentro desse organismo, nós podemos pensar junto com ele, ouvir dele, aprender com ele”. *Kausai*, esse ser humano, subordinado a uma ecologia planetária, [...], assim como todos os outros seres, ele está dentro dessa ecologia ou dessa vasta biosfera do Planeta”.



**Figura 7.** Pé do mastruz: a) caule, galhos, folhas e botões; b) folhas de mastruz. Foto: Neusani Ives-Felix (2024).

Krenak (2020, p. 30) conta o caso de uma aldeia que teve um contágio coletivo, que as pessoas contraíram o vírus, mas que se recolheram na mata e se curaram, descreve que: “tiveram todos os sintomas da Covid [...]. Eu estou contando para vocês saberem que não é só hospital que cura, e não é só biomedicina que pode curar, socorrer uma pessoa sofrendo o contágio”. Com essa reflexão o autor indígena Ailton Krenak enfatiza o poder de cura da floresta e a sabedoria ecológica ancestral dos povos indígenas, como uma alternativa de cuidado, de tratamento e de cura, que transcende a medicina ocidental evidenciando uma cosmologia que integra saúde, ambiente natural e saberes tradicionais, central no Bem Viver de um povo.

Sua descrição corrobora com as estratégias das mulheres Tentehar, as quais criaram protocolos medicinais próprios, a partir de saberes locais e tradicionais, para enfrentar o Covid-19. A interação dessas mulheres com as plantas ultrapassa o ato de manejá-las e demonstram conhecimentos ancestrais sobre elas e sobre seus diferentes usos, na saúde, na alimentação e nos rituais.

**Plantas e rituais.** Quanto a esta questão, M3 afirmou que no ritual da menina moça: “A macaxeira está presente, as folhas da planta são usadas quando a menina sai da tocaia e serve para esfregar por debaixo dos braços da menina para tirar aquela inhaca, para tirar as manchas. Aí esfrega nas pernas para não ficar encardida, após a moça sair da tocaia. O algodão serve para fazer

uma cobertura sobre os seios da menina moça no dia da festa, também serve para a menina moça fiar, enquanto está na tocaia. Além de aprender desde cedo uma arte, também serve para ela se distrair: o tempo passa mais rápido. O jenipapo serve para fazer a pintura corporal, que afasta os maus espíritos da menina, assim protegendo de doenças e outras coisas ruins e o urucum está presente, nesse ritual, para fazer a pintura no corpo e proteger a pele” (M3). Figura 8. Processo da fabricação da tinta de jenipapo e o seu uso no ritual de iniciação da menina moça. Fotos a, b, c: Sebastião Bento Guajajara(2024); Foto d: Neusani Ives-Felix (2021).

Referente às plantas utilizadas no ritual da festa do rapaz, as interlocutoras afirmaram que: “A macaxeira é presente na festa do rapaz [...] através da alimentação, como a farinha” (M7). “O algodão também faz parte dos

adereços que os indígenas usam, como uma forma de blindar as plumas. Então na festa da menina moça ela usa, o rapaz também usa, mas o dele a pluma é mais presente no capacete” (M2). “O jenipapo é mais que uma proteção, mais que uma tinta para fazer seu grafismo, ele serve como uma das formas de demarcar, a partir do grafismo, da pintura, que animal vai representar. Assim, o rapaz simboliza os animais, uma forma de homenagear, porque nós, povos indígenas, gostamos de homenagear, e é por isso também que faz canto para o pássaro, enfim, tem todo um significado”. (M6) “O urucum serve para demarcar, deixar o rosto vermelho: é a questão de transição” (M2).

Portanto, nos rituais de iniciação da menina moça (Ives et al. 2015) e do rapaz, entre os Tentehar, destacam-se o uso dos cultivares como, a macaxeira, o algodão, o urucum e o jenipapo. O jenipapo recebe o maior destaque, porque



**Figura 8.** Processo da fabricação da tinta de jenipapo e o seu uso no ritual de iniciação da menina moça.

a) Fruto do jenipapo. b) Fruto do jenipapo sendo ralado para a fabricação de tinta corporal. c) Polpa do jenipapo para fabricação da tinta corporal. d) Meninas moças pintadas com a tinta de jenipapo em Festa do Moqueado. Ao fundo comunidade prestigiando o ritual. Fotos a, b, c: Sebastião Bento Guajajara (2024); Foto d: Neusani Ives-Felix (2021).

além de matéria-prima para a fabricação de tinta, base do grafismo praticado nesse grupo social, demarca estágios de transição, períodos liminar, da vida da menina moça e do rapaz e as protege de espíritos ruins, moças e rapazes em períodos de maior vulnerabilidade espiritual.

Nesse sentido, Turner (2005, p. 139) destaca que “os ritos de iniciação, seja no sentido da maturidade social, seja no da afiliação religiosa, constituem os melhores exemplos de transição, pois têm fases marginais ou liminares bem marcadas e prolongadas”. Sá e Silva (2017, p. 93) afirmam que partir de rituais e na interação com a natureza e sua rede de saberes, os Tentehar “promovem o enraizamento cultural reatualizando eventos do cotidiano e regras culturais”.

**Plantas e espiritualidade.** Mas de qual espiritualidade estamos nos referindo? Nos reportamos a Boff (2001), por considerarmos uma definição mais abrangente, ou seja, um meio pelo qual o sujeito, individualmente ou em grupo, comunica-se com aquilo que considera sagrado, encantado, sendo que essa comunicação ocorre por meio de manifestações e de expressões de religiosidade/espiritualidade.

Considerando a relação das plantas com a espiritualidade, M2 afirmou que: *“Meu avô dizia que as plantas tinham uma força divina; ele tinha muita fé nas plantas. Então, ele acreditava nas plantas e passou a orar, a pedir, a solicitar a força para ele, para aquelas plantas que não secavam no verão. [...] o desaparecimento dessa crença se deu por conta dessa implantação das igrejas evangélicas dentro das comunidades indígenas, digo nas aldeias”*.

A percepção de M2 nos remete ao debate trazido por Ives et al. (2015) a partir do seu interlocutor Alderico, na época com 80 anos. Ancião, líder indígena Tentehar, exerceu atividades de cacique na aldeia Bacurizinho, foi monitor bilíngue (por 13 anos) e chefe de posto na Funai (por 45 anos). As narrativas orais desse interlocutor sugerem que o protestantismo tem provocado ressignificações nos sinais diacríticos de sua cultura, como, por exemplo, na Festa do Moqueado. Embora, os Tentehar ainda

mantenham demarcada sua pertença étnica, manifestada na fé em seu pajé, na pintura corporal, e, em seus ritos e magias se concebe que o centro cultural esteja em permanente movimento, inserido em um contexto diaspórico e fluido, regulado pela entrada e saída de influências internas e externas.

Plantas e proteção contra espíritos ruins (*Karowara*). Nesse contexto, os Tentehar interagem com as forças sobrenaturais, os não humanos, e como medida de proteção recorrem ao uso de plantas para a retirada de espíritos maus., a exemplo da narrativa sobre a pajelança: *“O pajé só consegue tirar espíritos com o fumo. Esse aqui (falando sobre um irmão), um dia desses, um bicho (Karowara) caiu nele, quando comia queria vomitar, tinha um bicho apertando. Daí nós fomos, no pajé e ele tirou o bicho velho com o uso do fumo [...] usamos também o manjerição, o limão e a alfavaca do quintal que tiver essas plantas, junto com o fumo. As crianças que brincarem, nesses quintais, os espíritos não caem nelas”* (M2).

As plantas possuem espíritos, nos alertaram as mulheres Tentehar, pois são os seus donos não humanos, como descreve M2 que: *“Os espíritos são os donos das plantas, a gente planta. Aí, vai ter outros donos que tomam conta. Aí, vão cuidar e sovinar as plantas. Acontece mesmo com a gente, aqui na aldeia, com as crianças de quando elas vão pegar caju cedinho, aquele espírito está ali, pode entrar no corpo da criança: eles ficam andando debaixo dos pés de frutas, árvores. As crianças não podem tirar frutas verdes, nem bem cedinho e nem à tardinha, só depois das 8:30 horas, se não os donos das plantas jogam bicho neles e a criança pode vomitar. Se não tiver pajé na hora, a criança pode morrer. Os bichos só podem ser retirados com o uso do fumo”* (M2).

A percepção das interlocutoras sobre a preservação ambiental também é evidenciada, como afirma a M8 que: *“a natureza em si, as florestas são muito fundamentais para nós indígenas, sem as florestas nós não viveríamos. Nós temos uma característica, [...], de ver, de cuidar da natureza, sem que ninguém obrigue, de natureza mesmo, de forma sutil. É tão verdade que os indígenas*

*não fazem roças em grande escala: plantamos só para a sobrevivência, é algo que está em nossa consciência: temos que ter limite! Esse tipo de atividade, respeitando as florestas, dá vida para as lagoas, os igarapés e os rios. Então, é a nossa prática! É tão verdade dessa relação e respeito à natureza, que, até hoje, temos um minador aqui na aldeia, poço velho, então ele nunca desapareceu devido as plantas buriti, jussara que tem plantado perto dele, essas plantas foi a mamãe que plantou, muitos pés de mangas, por isso que até hoje o minador está vivo” (M8).*

A interação entre indígenas Tentehar e a Natureza está para além do uso indiscriminado da Terra como um recurso natural, não sendo vista apenas como um bem de consumo, mas também como um universo do qual fazem parte e que estão “agarrados a ele”, e “não fora dele”, sendo primordial para sua existência e manutenção de suas vidas, cultura e tradições.

## **CONCLUSÃO.**

A interação das mulheres Tentehar na aldeia Morro Branco com as plantas é pautada no sentimento de compartilhamento, de respeito e de afinidade. A etnobotânica está presente no cotidiano dessas mulheres desde a alimentação, às práticas de cura, aos artesanatos, os utensílios, os rituais e os meios de proteção contra *karowaras*, em uma interação humanos e não humanos, como parte da cosmovisão Tentehar.

As plantas são dotadas de ancestralidade e de espíritos, havendo uma conexão entre os cultivares presentes nos quintais e os antepassados de seus donos humanos, bem como, com os donos não humanos. A exemplo da narrativa emocionada da M1 que recorda da mãe falecida, ao manejar seu quintal, uma vez que muitos cultivares do lugar havia sido plantado por sua avó, e, depois por sua mãe. Os cultivares, além de donos humanos, têm seus donos não humanos, os espíritos donos das plantas, o bicho, o *karowara* que pode fazer mal àquele que não respeitar os seus interditos.

As interlocutoras são mulheres que vem ganhando visibilidade na sua comunidade, nos últimos tempos, principalmente devido às suas estratégias no enfrentamento ao Covid-19. Elas acreditam que manter seus pés fincados na aldeia vem contribuindo para o fortalecimento da sua cultura e para o equilíbrio do *ethos* Tentehar. Têm um cabedal de conhecimento e de vivência, no que diz respeito à interação com as plantas e seus usos, podendo ser evidenciado na expertise de um saber fazer local, e, às vezes global, basilar na busca pelo respeito à especificidade e à diversidade sociocultural.

O debate em torno dos resultados dessa pesquisa poderá contribuir para a implantação de uma educação ambiental abalizada no estabelecimento de estratégias de conservação dos recursos naturais e no desenvolvimento de práticas sustentáveis (BRASIL 1999) contextualizada com os modos de vida da aldeia, portanto, uma educação intercultural, específica e diferenciada, a fim de formar cidadão críticos e comprometidos com a comunidade.

Portanto, a partir do manejo de cultivares em seus quintais, e, de seus usos, as mulheres Tentehar têm colaborado para o fortalecimento de costumes, de crenças e de rituais de seu povo, e, contribuído com a sustentabilidade ambiental.

## **AGRADECIMENTOS**

Às mulheres indígenas Tentehar que nos acolheram e compartilharam seus saberes sobre o manejo de plantas em quintais e os seus modos de uso, nos ensinando práticas de sustentabilidade e respeito ao meio ambiente.

## **LITERATURA CITADA.**

- Boff, L. 2001. *Espiritualidade: um caminho de transformação*. Rio de Janeiro: Sextante.
- Boni, V. y S. J. Quaresma. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. 2005. *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*, 2(1), p. 68-80.

- Brasil. 2023. Etnobotânica e Educação Ambiental. UAB/UFSM/CEAD. Disponível em: [https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/16389/Curso\\_Agric-Famil\\_Sustent\\_Etnobotanica-Educacao-Ambiental.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/16389/Curso_Agric-Famil_Sustent_Etnobotanica-Educacao-Ambiental.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em: 28/09/2023.
- Brasil. Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Disponível em: < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9795.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9795.htm) >. Acesso em: 28/09/2023.
- Brito, M. A. y M. F. B. Coelho. 2000. Os quintais agroflorestais em regiões tropicais – unidades auto-sustentáveis. *Agricultura Tropical*, 4(1), p. 7-35.
- Gomes, M. P. 2002. *O índio na história: o povo Tenetehara em busca da liberdade*. Petrópolis: Vozes. 631p.
- Descola, P. 1997. *Faces do trópico úmido: conceitos e questões sobre o desenvolvimento e meio ambiente*. Belém: Gráfica e Editora Ltda.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2023. Disponível em: < <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ma/grajau.html> >. Acesso em: 28/09/2023.
- Ives, N. O., F. B. Barros y L. Nakayama. 2015. Os velhos, nossas melhores referências: o etnoconhecimento como patrimônio cultural – a comunidade indígena Tentehar, estado do Maranhão. *Revista Cocar*, 9(18), p. 378-401.
- Ives-Felix, N. O., Barros, F. B. y L. Nakayama. 2019. O ensino de ciências naturais como possibilidade de interculturalidade de saberes indígenas sobre plantas Amazônicas. *Revista Cocar*, 13(27), p. 265-286.
- Instituto Socioambiental - ISA. 2014. *Guajajara*. Disponível em <<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Guajajara>> Acesso em 04. nov. 2023.
- Krenak, A. Caminhos para a cultura do bem viver. 2020. 28p. Escola Parque. Alianza, biodiversidades uma plataforma colectiva latinoamericana. *Revista Biodiversidad, sustento y culturas*.
- Machado, A. M. 2020. Povos indígenas e a Covid-19. In: *Filosofia em confinamento*. Editor, organizador e revisor técnico: Klinger Scoralick. Bataque: Rio de Janeiro, p. 165-173.
- Melo, E. 2007. Dos terreiros de candomblé à natureza afro-religiosa. *Último andar*, 16, p. 27-36.
- Minayo, M. C. S. 2001. *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. ed. 18, Petrópolis: Vozes.
- Oakley, E. 2004. Quintais domésticos: uma responsabilidade cultural. *Agriculturas*, 1(1), p. 37-39.
- Patzlaff, R. G. y A. L. Peixoto. 2009. A pesquisa em etnobotânica e o retorno do conhecimento sistematizado à comunidade: um assunto complexo. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, 16(1), p. 237-246.
- PPP. Projeto Político Pedagógico. 2021. Centro de Ensino Indígena Djalma Marizê Filho. Secretaria de Estado da Educação: Grajaú-MA.
- Rocha, J. A. 2015. Etnobotânica: um instrumento para valorização e identificação de potenciais de proteção do conhecimento tradicional. *Interações*, 16(1), p. 67-74.
- Rocha, R. y G. Marisco. 2016. Estudos etnobotânicos em comunidades indígenas no Brasil. *Revista Fitos*, 10(2), p. 95-219. Disponível em: < <https://revistafitos.far.fiocruz.br/index.php/revista-fitos/article/view/356> >. Acesso em: 28/09/2023.
- Sá, M. J. R. y M. G. Silva. 2017. Etnoecologia indígena: saberes e fazeres culturais no cotidiano Tentehar. *Tellus*, 17(33), p. 91-113.
- Sena, C., R. C. S. A. Santos y F. B. Barros. 2014. A biodiversidade tem axé? Sobre apropriações de animais e plantas no candomblé. *Fragmentos de Cultura*, 24(2), p. 221-222.
- Turner, V. 2005. *Floresta de Símbolos: aspectos do ritual Ndembu*. EDUFF. 488p.
- Villas Boas, G. K. 2013. *Inovação em medicamentos da biodiversidade: uma adaptação*

*necessária (ou útil) nas políticas públicas*. 174 f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) - Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <<https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/13796>>. Acesso em: 28/09/2023.

Zannoni, C. 1999. *Conflito e coesão: o dinamismo Tenetehara*. Brasília: CIMI.